

Para além de gado, onças e sucuris: a novela Pantanal e a discussão sobre a homofobia ¹

Talison Pires Vardieiro ²
Fernanda de Façanha e Campos³

Resumo: Diante da repercussão e audiência da novela Pantanal (2022), exibida pela Rede Globo, e reescrita pelo autor Bruno Luperi, notamos que a trama tem tratado sobre temas em voga na sociedade, entre eles, a homofobia. Dentro do contexto em que a telenovela é pensada como uma Narrativa de Nação (Lopes, 2003) e como um Recurso Comunicativo (Lopes, 2009), analisamos as cenas em que o personagem homossexual, Zaquieu (Silvero Pereira), abandona a fazenda de José Leôncio (Marcos Palmeira) e é vítima de homofobia. A metodologia usada é a Comunicação, disciplina indiciária, de Braga (2008), e como resultado, esperamos demonstrar como a função pedagógica da telenovela aborda a situação e traz reflexões para os telespectadores.

Palavras-chave: Pantanal. Telenovela. Homofobia. Heteronormatividade. Homossexualidade.

.

1 “No coração do Brasil”

Para quem assiste o *remake* da novela Pantanal (2022), exibida no horário das 21h30, pela Rede Globo de Televisão, e reescrita pelo autor Bruno Luperi, há uma possibilidade em se abandonar os espaços urbanos, muito frequentemente usados como cenários das novelas do horário nobre da emissora, para contemplar as imagens da natureza, árvores, rios e passeios de chalana. Além disso, permite-se entrar em um mundo de fantasia em que mulheres se transformam em onças (interpretada pelas atrizes Juliana Paes e Alanis Guillen), ou em que um homem idoso, chamado Velho do Rio (Osmar Prado), metamorfoseia-se em sucuri para proteger a natureza local. Para entrar nessa temática, em cada intertítulo deste trabalho utilizaremos um trecho da música “Pantanal”, composição de Marcus Viana, atualmente tema da novela cantada por Maria Bethânia, justificando assim o uso de aspas em cada um deles.

Desde a estreia, em 28 de março de 2022, o roteiro de Benedito Ruy Barbosa, adaptado por Luperi, reconta a história de Joventino (Irândhir Santos), um peão famoso

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Mídias Contemporâneas e práticas socioculturais do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2022.

² Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), talison.vardiero@gmail.com

³ Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora, fernanda.facanha@estudante.ufjf.br.

no Pantanal que desaparece e, simplesmente, abandona o filho, José Leôncio (Renato Góes / Marcos Palmeira). Sempre indignado com o sumiço do pai, alguns anos depois, em uma viagem ao Rio de Janeiro, José Leôncio (Renato Góes / Marcos Palmeira) se casa com Madeleine (Bruna Linzmeyer / Karine Teles) e retorna com a esposa para o Pantanal, onde ela concebe Joventino Leôncio Neto - Jove (Jesuíta Barbosa).

Os conflitos da trama ganham novos contornos quando Madeleine (Bruna Linzmeyer / Karine Teles) não se adapta à vida interiorana e foge para o Rio de Janeiro juntamente com o filho recém-nascido, com a ajuda do psicólogo, e ex-namorado, Gustavo (Gabriel Stauffer / Caco Ciocler). Mesmo a distância, José Leôncio (Renato Góes / Marcos Palmeira) não falta com as obrigações de pai, apesar de o filho acreditar que ele esteja morto. Contudo, quando a saudade do peão pelo filho aperta, a empregada da fazenda, e ex-prostituta, Filó (Letícia Salles / Dira Paes), para tentar amenizar a ausência de Jove, conta que o seu filho Tadeu (José Loreto) também é um dos herdeiros do fazendeiro. A informação é mantida em segredo e Tadeu (José Loreto) segue apenas como afilhado do patrão por uma boa parte do enredo.

Com um intervalo de cerca de vinte anos, Jove (Jesuíta Barbosa) descobre que o pai está vivo e viaja para o Pantanal em busca de conhecê-lo. Contudo, novos conflitos se originam quando o pai e filho não correspondem às expectativas um do outro, diante de um abismo de diferenças comportamentais e culturais.

Apesar de ser considerado delicado, e denominado como “Flosô” pelos peões da fazenda de José Leôncio (Renato Góes / Marcos Palmeira), conhece e se apaixona por Juma (Alanis Guillen), filha de Maria (Juliana Paes) e Gil (Enrique Diaz). Todavia, a jovem foi criada para se defender dos homens, pois a mãe sempre ressaltou para ela que foram os “homens” que mataram todos os outros membros da família, devido a conflitos de terras, rivalidades e vingança.

Como se a trama já não fosse bastante conflituosa, os personagens ainda são surpreendidos com o aparecimento de José Lucas de Nada (Iranthir Santos), o primogênito de José Leôncio (Renato Góes / Marcos Palmeira), fruto de sua primeira relação sexual com uma prostituta, ainda quando era jovem.

Apesar de todo esse enredo, envolto de paixões e tramas que surpreendem o público, a narrativa não abrange apenas um mundo de fantasias ou as imagens das belezas naturais do pantanal; aborda questões ligadas ao machismo, às queimadas, às rivalidades

agrárias e, também, a relação que permeia a sexualidade (Foucault, 2012), a heteronormatividade (Colling, 2007) e a dominação masculina (Bourdieu, 2012), por meio da homossexualidade de Zaquieu (Silvero Pereira).

A hipótese dessa investigação é que a telenovela aborda a homossexualidade, bem como a homofobia, em busca de fazer um trabalho pedagógico contra esse tipo de conduta, ao reforçar que o ato é considerado crime em cenário brasileiro. Para isso, esse trabalho busca responder como a homofobia ainda impacta as relações das pessoas homossexuais no século XXI.

Para isso, utilizou-se a metodologia de Comunicação, disciplina indiciária de Braga (2008, p. 79), que afirma a necessidade de reduzir o objeto a seus elementos mais significativos. Sendo assim, deve-se atentar ao problema de pesquisa, às estruturas e processos próprios do objeto e o conhecimento disponível sobre o objeto e sobre os âmbitos em que ele se encontra.

Com isso, tem-se como objetivo deste trabalho compreender como a homofobia ainda se faz presente na sociedade, e refletir a forma em que a telenovela, por meio de sua característica pedagógica, aborda o tema na busca de ampliar o debate social e diminuir os impactos desse tipo de conduta. Para isso será utilizada uma cena da novela Pantanal com o personagem Zaquieu (Silvero Pereira) em que a temática da homofobia é abordada.

2 “Redescobrimo as Américas quinhentos anos depois”

Seguindo o pensamento de Aristóteles, Foucault (2012) cita em a História da sexualidade: o uso dos prazeres, que “Todo mundo, em certa medida, usufrui do prazer da mesa, do vinho e do amor; mas nem todos o fazem como convém” (FOUCAULT, 2012, p.66). Diante desta perspectiva, dialogar sobre sexualidade, e sobre homossexualidade em especial, nos remete a um debate denso que considera a cultura e o modo de ver da sociedade durante determinado período de espaço e tempo.

Como explicitam Foucault (2012) e Almeida (2016), em alguns momentos da história, na Antiguidade Clássica, a homossexualidade estava dentro dos padrões sociais. Os gregos, apesar dos aspectos que envolvem a moral, costumavam ver as relações sexuais entre homens como um rito de troca de conhecimentos, em que os mais velhos

transmitiam conhecimentos aos mais jovens ao possuí-los sexualmente. Ainda podemos citar o mito do possível relacionamento entre Aquiles e Pátroclo⁴ e o exército de Tebas⁵, composto apenas por casais gays, sendo o segundo mais forte do país, perdendo apenas para o de Esparta.

Contextualizando a questão em território brasileiro, é preciso pensar sobre como eram as vivências dos silvícolas antes da chegada dos europeus. De acordo com Trevisan (2018), a diversidade sexual já era experienciada pelos indígenas brasileiros e, dentro dos padrões estabelecidos pelos integrantes daqueles grupos, a homossexualidade era aceita, sendo vista como algo comum.

Além disso, o pesquisador ainda ressalta que, em 1596, o português Pedro de Magalhães de Gândavo expunha que a sodomia se tratava de algo rotineiro, como se não houvesse a noção de homem e masculinidade, o que os tornava livres das concepções sobre masculino ou feminino. Dessa maneira, a sexualidade entre os povos originários apenas se modifica e se transforma em pecado com a Instauração do Estado Português e da ótica cristã ocidental.

Mesmo após os mais de 500 anos da chegada dos portugueses em território brasileiro, a história narra que algumas heranças e estigmas, influenciados pelos colonizadores europeus, permanecem entranhados na sociedade. Entre eles, a violência, a aversão e o preconceito, pois a homossexualidade, apesar de ser tolerada — através da criação de leis em âmbitos municipais, estaduais e federais em proteção ao coletivo —, ainda faz com que brasileiros e brasileiras se reprimam ao silêncio que lhes foi imposto por questões diversas que perpassam pelos contextos sociais, familiares, políticos e outros.

Nesta perspectiva, segundo Almeida (2016), a história das homossexualidades, bem como a de quaisquer outras sexualidades, acompanha a visão da sociedade sobre tal questão, o que nos faz refletir que nem todas as culturas, assim como as épocas em que estão inseridas, nomeiam ou agem de alguma forma tão clara sobre todas as atuações dos indivíduos que as compõem. Sobre a questão, Trevisan explica:

⁴ Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/entretenimento/a-canc-o-de-aquiles-traz-romance-homoafetivo-entre-um-semideus-e-um-mortal-1.195208>, acesso em 14 de julho de 2022, às 11h18.

⁵ Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/11/batalhao-sagrado-de-tebas-o-poderoso-exercito-formado-por-150-casais-gays-que-venceu-esparta/>, acesso em 14 de julho de 2022, às 11h22.

A homossexualidade inscreve-se como mais um desses reservatórios negativos. Sendo a permissividade social basicamente oportunista, a tolerância varia de época para época, dependendo de fatores externos, que acrescentam à prática homossexual maior ou menor grau de periculosidade, conforme as necessidades circunstanciais. Por isso, apesar de tolerada no Brasil, a prática homossexual acabou se tornando frequentemente um caso de polícia, ainda que não seja proibida por lei (TREVISAN, 2018, p. 22).

Segundo o pensamento de Foucault (2012), desde os textos escritos no século XIX, já se encontrava o perfil do homossexual, ou como denominado à época, o “invertido” que, pelas atribuições de aspectos femininos, era desqualificado socialmente. Tal questão conversa com o estudo de Almeida (2016), que destaca que, até na contemporaneidade, explicar sobre quem é o homossexual ou *gay* pode ser bastante complexo e contraditório, contudo, abordar sua história e trajetória — em se tratando de uma construção social relativamente recente —, faz com que nos remetamos ao passado para tratar sobre o nosso entendimento na atualidade.

Como aborda Jakubaszko e Neto (2016), a masculinidade costuma estar associada à ideia de virilidade, comando e força. Diante deste cenário, ser masculino é uma forma de negar o feminino e, principalmente, o homossexual.

A forma particular de dominação simbólica de que são vítimas os homossexuais, marcados por um estigma que, à diferença da cor da pele ou da feminilidade, pode ser ocultado (ou exibido), impõe-se através de atos coletivos de categorização que dão margem a diferenças significativas, negativamente marcadas, e com isso a grupos ou categorias sociais estigmatizadas. Como em certos tipos de racismo, ela assume, no caso, a forma de uma negação da sua existência pública, visível. A opressão como forma de “invisibilização” traduz uma recusa à existência legítima, pública, isto é, conhecida e reconhecida, sobretudo pelo Direito, e por uma estigmatização que só aparece de forma realmente declarada quando o movimento reivindica a visibilidade. Alega-se, então, explicitamente, a “discrição” ou a dissimulação que ele é ordinariamente obrigado a se impor (BOURDIEU, 2012, p.143-144).

Tais construções sociais nos levam a pensar sobre o quanto a sociedade ainda gira em torno da heteronormatividade. De acordo com essa perspectiva, Colling (2013) — baseado nos estudos de Miskolci (2012) e de Spargo (2004) — aponta que a heteronormatividade pode ser explicada segundo as tendências do sistema ocidental, que considera as relações heterossexuais como a norma e as demais como desviantes do padrão. Além disso, trata-se da ordem do presente, baseada em um modelo heterossexual,

familiar e reprodutivo. “Ela se impõe por meio de violências simbólicas e físicas dirigidas principalmente a quem rompe normas de gênero” (COLLING, 2013, p. 89).

Como salienta Almeida (2016), dialogar com a homossexualidade é falar daquilo que é diferente, das questões que fogem à regra. Todavia é preciso compreender que a sexualidade possui minúcias e regramentos impostos socialmente, que incluem e normatizam alguns comportamentos como óbvios e naturais e excluem outros. “Em outras palavras, a procura pela gênese da homossexualidade costumava — e ainda costuma em vários estudos — estar diretamente relacionada a um desvio de um padrão correto” (ALMEIDA, 2016, p.121).

3 “Lutar com unhas e dentes pra termos direito ao depois”

Abordar a homossexualidade nas telenovelas nos remete ao pensamento em que as obras ficcionais, principalmente as exibidas pela Rede Globo, são ferramentas que ajudam a compor o imaginário social dentro do contexto brasileiro. Apesar da existência de telas que separam a realidade do telespectador e do enredo ficcional, há uma troca de experiências entre os agentes dessa relação, tanto que a novela é capaz de pautar diálogos que participam das discussões da sociedade, mas também se espelhar nesses mesmos debates para apresentar novas visões para o público.

Como explicita Távola (1996), tal relação surge a partir do conflito moral, onde as narrativas teledramatúrgicas desenvolvem forte empatia, identificação e comunicação com o espectador. De acordo com Lopes, Borelli e Resende (2002), as histórias das novelas possibilitam que se discuta mais os problemas relativos ao cotidiano em novelas que em alguns telejornais.

Personagens da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros (LGBTQIA+) estão presentes nas dramaturgias desde 1971, quando Ary Fontoura interpretou o costureiro Rodolfo Augusto, em “Assim na terra como no céu”, de autoria de Dias Gomes.

Contudo, para Colling (2007), entre 1970 e os anos 2000, a homossexualidade foi representada, principalmente, a partir de três divisões: homossexualidade associada à criminalidade; personagens estereotipados da “bicha louca” e/ou afetados e afeminados; e personagens homossexuais dentro de um modelo que considerado heteronormativo.

Em diálogo, Colling (2007), Peret (2005) e Trevisan (2018) percebem que, apesar dos estereótipos e da censura dos personagens pelos próprios autores, as narrativas ganharam novos contornos e evoluíram ao longo dos anos. Neste cenário, alguns personagens homossexuais se tornaram queridos pelos espectadores e trouxeram para as telas o aprofundamento de alguns debates relacionados a gênero e sexualidade, o que percebemos, nas palavras de Lopes (2003), como uma *narrativa de nação* e em outro estudo da pesquisadora, como um *recurso comunicativo* (Lopes, 2009).

Nesta perspectiva, apresentamos o personagem da nossa análise, o homossexual Zaquieu (Silvero Pereira) de Pantanal. O mordomo de Mariana (Selma Egrei), desde sua aparição na obra, segue o estereótipo do homossexual afetado, inclusive, ganhando destaque quando se aventura na proposta de apoiar Madelaine (Karine Telles) a se tornar uma influenciadora digital.

Todavia, após o falecimento da mãe de Jovi em um acidente de avião e a ida de Irma (Camila Morgado) para o Pantanal, o mordomo se torna o amigo, companheiro e a pessoa que acolhe Mariana (Selma Egrei), quando fica sozinha na mansão que pertence à família. A partir deste momento, o personagem traz outras perspectivas sobre a representação do homossexual como um “cuidador”. Dentro desta visão, após muita insistência dos familiares, Mariana (Selma Egrei) aceita a ideia de ir para o Centro-Oeste do País e leva junto consigo o mordomo da família.

Ao chegar no Pantanal, o rapaz se esforça para se enturmar com os peões da fazenda de José Leôncio (Marcos Palmeira), mas sua homossexualidade causa incômodo em alguns deles, principalmente em Tadeu (José Loreto) que não se esforça para aceitar o mordomo e chega a fazer piadas do tipo: “Emperiquitado desse jeito o maior perigo é de um pavão ficar com ciúme! As cobras aqui são um perigo... Até para quem gosta!”. A situação se torna repetitiva até o momento em que o Zaquieu (Silvero Pereira) faz as malas e vai embora junto à chalana de Eugênio (Almir Sater).

O tema ganha maiores proporções quando Mariana (Selma Egrei) recebe uma carta de adeus do mordomo, explicando seus motivos para a partida. Neste momento, debate-se a questão não apenas da homofobia, mas também do fato de tais atos serem crimes perante a Lei 7.716/2018 (crime de racismo), quando um sujeito é agredido verbal ou fisicamente por conta da orientação sexual. No Brasil não há norma específica contra

a homofobia, por isso, a base que criminaliza atos homofóbicos é a mesma que criminaliza o racismo.

Nesta perspectiva, Lopes (2003) aponta que a novela talvez seja um exemplo único de como um sistema de mídia televisivo pode ser responsável pela emergência de um espaço público peculiar que nos anos atuais se diversificou “e se apresenta como alternativa principal de realização pessoal, inclusão social e de poder, isto é, como uma nova forma de cidadania” (LOPES, 2003, p.32).

4 “Fim do milênio, resgate da vida, do sonho, do bem”

Para analisar a construção das cenas em que Zaquieu (Silvero Pereira) entra na chalana e faz o desabafo sobre as perspectivas em ser um homem *gay*, considerando as dificuldades de aceitação por parte da sociedade, optamos pela metodologia desenvolvida por José Luis Braga (2008), “Comunicação, disciplina indiciária”, pois não se baseia apenas em colher e descrever indícios, mas pela possibilidade de fazer inferências que, no caso, aborda a pauta sobre homofobia. O método ainda é capaz de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente.

Ainda acreditamos que, por não nos basearmos na soma superficial do maior número de detalhes, mas sim em um número reduzido de indícios relevantes, seguimos a proposição de Braga (2008) e aproximamos nosso olhar para as relações das cenas com os contextos temporais, juntamente com outras situações e aspectos que surgem na relação do objeto com a pesquisa.

A fim de compreender a relação da homofobia na novela, observamos algumas cenas do capítulo exibido dia 4 de julho de 2022, na ocasião em que Zaquieu (Silvero Pereira) sai do Pantanal e volta para o Rio de Janeiro após ter sido recebido de forma negativa por alguns moradores da fazenda. Percebeu-se três momentos que relacionam diretamente com a homofobia sofrida por Zaquieu (Silvero Pereira) e que serão analisados nesse trabalho: a ação de Mariana (Selma Egrei), o sentimento de Zaquieu (Silvero Pereira) na partida e a intervenção de José Leôncio (Marcos Palmeira) junto aos peões.

A ação de Mariana (Selma Egrei) ocorreu a partir da leitura da carta de Zaquieu (Silvero Pereira), informando os motivos pelos quais o fez sentir mal, desrespeitado e não incluído no cotidiano da fazenda.

Durante a leitura do relato, em torno da personagem, há José Leôncio (Marcos Palmeira), Filó (Dira Paes) e Irma (Camila Morgado), atentos e na escuta dos motivos pelos quais fizeram o mordomo sair dali. Na carta, Zaquieu (Silvero Pereira) não aponta quem os fez mal, mas contextualiza toda a falta de empatia daquele ambiente para com ele. Além disso, explica também que achava que no Pantanal não seria tratado como foi durante toda a vida.

A ação de Mariana (Selma Egrei) é direta em prol da defesa de Zaquieu (Silvero Pereira), pontuando e categorizando homofobia como crime. Piadas, apelidos, observações desnecessárias sobre a forma de andar e de se expressar, são algumas das ofensas feitas ao personagem nesse capítulo. Após a leitura da carta, os personagens entram em importante conversa para o entendimento mais formal sobre a carta e dos motivos que fizeram Zaquieu (Silvero Pereira) sair da fazenda.

Mariana (Selma Egrei) rebate com argumentos como: “Em uma situação dessa, a gente não pode manter em silêncio, não”, “o que importa é que disseram, né?, E ele ficou ofendido, sim”, “e agora, como é que vamos resolver essa situação?”, “o senhor (José Leôncio) me garantiu que eu seria recebida de braços abertos aqui na sua fazenda. Agora fico me perguntando se seria essa a famosa hospitalidade pantaneira”. Após essas afirmações, José Leôncio (Marcos Palmeira) relativiza o que aconteceu pontuando como frescura e, então, Mariana (Selma Egrei) rebate com: “Frescura? Não, José Leôncio, isso não é frescura! Isso é crime!”. Irma (Camila Morgado) contribui ao debate com: “Minha mãe está certa! O que fizeram com Zaquieu tem nome, se chama homofobia e não é frescura ou brincadeira, não, apesar de ser tratada como tal, não é! Isso é crime, isso tá na lei”.

É interessante perceber que a novela traz a informação: homofobia é crime e está na lei, em uma linguagem simples e direta ao público. Assim, a partir desse momento, as cenas seguintes com José Leôncio (Marcos Palmeira) são consequências dessa conversa, trazendo a reflexão para além daquele grupo dos quatro personagens. A informação sobre a homofobia é levada adiante, ou seja, o capítulo comunica que nem quem sofre e nem

quem vê esse ciclo de desrespeito deve ficar calado, afinal, trata-se de um assunto sério que pode ser denunciado.

A segunda ação que a novela traz é a fala de Zaquieu (Silvero Pereira), afinal, deve-se ouvir também quem passa por isso para entender que tudo aquilo não era uma brincadeira. A cena mostrada é Zaquieu (Silvero Pereira) dentro da chalana conversando com o barqueiro Eugênio (Almir Sater), encostado nas laterais do barco. Nesse momento o personagem desabafa:

Talvez pelas maravilhas que me contavam lá no Rio de Janeiro eu pensei que quando eu chegasse aqui a minha vida mudaria como num passe de mágica. Que aqui eu seria, enfim, levado a sério. Minha vida inteira fui motivo de chacotas. Alvo das piadas dos outros, dos apelidos, das gozações. Tanto tempo interpretando o papel do mordomo gay que... E eu achei que foi assim mesmo que eu servia pra fazer os outros rirem, pra me apontarem o dedo que só assim eu seria aceito no mundo deles: sendo a piada que eles tanto queriam. Acontece que eu também sou uma pessoa. Eu não sou uma piada. Eu também tenho as minhas brincadeiras, sabe, seu Eugênio? Como qualquer outra pessoa. Mas como qualquer outra pessoa também tem os meus sentimentos. Meus sonhos. E o direito de ser tratado com respeito.⁶

O personagem mostra como todo aquele desgaste vivido no Pantanal é uma reprodução do que ele já passou na vida inteira: sentindo a sua identidade questionada a todo momento, sem haver a compreensão dos outros sobre quem ele é. Zaquieu (Silvero Pereira) mostra em algumas falas aquilo que Almeida (2016) pontua sobre a gênese da homossexualidade estar relacionada ao desvio de um padrão tido como correto. Ou seja, seu nome, sua forma de andar, seu jeito de falar, o lugar que ele ocupava no trabalho, tudo era questionado em comparação ao padrão vivido pelos habitantes do Pantanal. A novela mostra, assim, o outro lado: de quem sofre com a homofobia e como não é nada interessante todas essas pontuações negativas sobre a vida de alguém.

O capítulo finaliza a intervenção de José Leôncio (Marcos Palmeira), momento ao qual o personagem vai conversar com os peões sobre os motivos da saída de Zaquieu (Silvero Pereira) da fazenda. Na conversa, apenas entre homens e todos moradores do Pantanal, José Leôncio (Marcos Palmeira) questiona aos peões o porquê Zaquieu (Silvero Pereira) foi embora da fazenda. Tadeu (José Loreto), que lidera nesse momento a fala dos

⁶ Fala interpretada em 5:17min a 6:55min. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10727853/?s=0s>. Acesso em: 23 jul. 2022

peões, fala que o mordomo tinha “um jeito esquisitinho”, e justifica as piadas e grosserias por isso, mesmo que não quisesse fazer mal ao Zaquieu (Silvero Pereira).

A cena se desenrola e, do meio para o fim, José Leôncio (Marcos Palmeira) explica que aquelas ações dos peões são homofobia, crime que pode dar cadeia. Tadeu (José Loreto), então diz que se rir for crime, todos estão lascados. O pantaneiro então dá a seriedade da questão e aumenta o tom de voz: “Você não sabia que isso era tão sério, Tadeu (José Loreto). Eu também não sabia, nenhum de nós sabia disso aqui. Na verdade, é que nós nascemos e crescemos sorrindo disso tudo: achando que um sujeitinho por ser diferente é sem caráter, é sem valor, mas não é!”.

O tom da questão é dado e reforçado ao público mais uma vez: não é brincadeira, é crime. O respeito a todos é de suma importância. Por fim, José Leôncio (Marcos Palmeira) traz uma punição, caso essa ação ou qualquer outra de desrespeito a quem esteja na fazenda seja repetida, esta pessoa deverá pegar suas coisas e ir embora. Ele ainda completa que isso vale para todos, até para Tadeu (José Loreto), seu filho. Ou seja, não há impunidade diante de um crime, mesmo que você tenha privilégios naquele lugar.

5 “Os filhos dos filhos dos filhos dos nossos filhos verão”

A novela Pantanal retrata de forma muito direta, com o uso de palavras simples e de uma ação clara a partir da saída de Zaquieu (Silvero Pereira) da fazenda que os deboches ao mordomo estão dentro de um enquadramento de crime: a homofobia. Com isso, o impacto da homofobia nas relações das pessoas homossexuais no século XXI ainda são a causa do afastamento dos indivíduos LGBTQIA+ de lugares em que, até dado momento, julgavam como “seguro” para estar e ser quem realmente é, praticar sua sexualidade de forma plena.

As cenas de Pantanal trazem o impacto que isso causa na vida de uma pessoa LGBTQIA+: sentir-se desprezado, desrespeitado, com a identidade questionada, com a forma de falar, andar e se vestir analisada por olhos que o julgam e recriam. Zaquieu (Silvero Pereira) aproxima-se e afasta-se assim como muitos jovens e adultos em busca do seu verdadeiro lugar de respeito, de poder ser quem se é.

O tema nos faz refletir que, em pleno século XXI, ainda se faz necessária a discussão sobre o que significa o afeto e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo

e o que esse ato representa dentro de um contexto tão conservador. Se retornarmos ao passado das narrativas com a presença de personagens LGBTQIA+, percebemos que, na atualidade, houve uma evolução, não apenas na quantidade, mas também na representatividade e nas questões que são abordadas pelas telenovelas.

Contudo, a narrativa de Zaquieu (Silvero Pereira), interligando cotidianos e tornando porosas as barreiras entre o ficcional e real, faz com que o público consiga identificar parte de suas vivências, problemas, histórias e ideologias, o que permite que o enredo paute conversas e debates dentro da sociedade. Além disso, por vezes, é capaz de mostrar a realidade de uma forma mais ampla daquela que é vista e lida nos jornais.

Como cita Lopes (2003), a televisão e a telenovela se tornaram imprescindíveis para a formação de um espaço público que dialoga com todos os segmentos sociais, e não apenas por intelectuais. Diante desta perspectiva, percebe-se a novela como um ambiente em que há a possibilidade de se problematizar o País e que, por meio desses enlaces, constrói uma narrativa ficcional de se ver o Brasil de uma maneira próxima das vivências do mundo externo.

Referências

ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar de. **Performatividades Gays: um estudo na perspectiva brasileira e argentina.** In: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

BRAGA, José Luís. **Comunicação, disciplina indiciária.** Matrizes, vol. 1, núm. 2, abril, 2008, pp. 73-88 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 11 edição - Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2012

COLLING, Leandro. **Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede globo: criminosos, afetados e heterossexualizados.** In: Revista Gênero, volume 8, número 1, segundo semestre de 2007 p. 207 a 222.

COLLING, Leandro. **Mais visíveis e mais heteronormativos: a performatividade de gênero das personagens não - heterossexuais nas telenovelas da Rede Globo.** In: Estudos e política do CUS - Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade/Leandro Colling e Djalma Thürler (organizadores). - Salvador: Edufba, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque - 12 edição, Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II**: história da sexualidade. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque - 13 edição, Rio de Janeiro, Edição Graal, 2012.

JAKUBASZKO, Daniela; NETO, João Nemi. **A representação das masculinidades na telenovela brasileira**: há espaço para um novo espectro de masculinidades? In: Memórias del XIII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación | Ficción televisiva y narrativa transmedia, 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Telenovela brasileira**: uma narrativa sobre a nação. Comunicação e Educação, São Paulo, n. 26, p. 17-34, jan.-abr. 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Telenovela como recurso comunicativo**. Matrizes, São Paulo, n. 1, ano 3, p. 21-47, 2009.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002

PERET, Luiz Eduardo Neves. **Do armário à tela global**: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

TÁVOLA, Arthur da. **A Telenovela Brasileira**: história, análise e conteúdo. Editora Globo; São Paulo, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. 4 ed. rev., atual e amp. Rio de Janeiro, Objetiva: 2018.